

PFL aponta descrença

O advogado Paulo Xavier, suplente de deputado federal pelo PFL da Paraíba e provável candidato nas eleições de 86, pelo PFL-DF, afirma que Brasília tem "um eleitorado politizado mas descrente, sem entusiasmo com a política". Essa apatia, para ele, é provocada exatamente pela falta de eleições em todos os níveis, que deixou a população brasiliense sem perspectivas de exercer o direito do voto.

Vista por esse ângulo, Brasília — ou mais exatamente o Plano Piloto — seria uma capital administrativa habitada por funcionários públicos, representantes por excelência de uma classe média alienada e conformista. Essa, entretanto, não é a opinião do cientista político David Fleischer, que cita o exemplo das buzinas contra as medidas de emergência, por ocasião da votação da emenda Dante de Oliveira, um protesto vigoroso que surpreendeu o País.

"O funcionalismo público não é uma massa amorfa e acomodada", afirma o professor Fleischer. "Possui suas associações profissionais, com seus próprios mecanismos de comunicação, e está atento a tudo que diz respeito aos seus interesses". Entre os partidos políticos do DF, continua, cerca de dois terços das novas lideranças são formados por funcionários públicos. Atentos à nova realidade do País, muitos funcionários estão buscando os partidos para não serem preteridos em um contexto onde a participação política passa a ser tão importante quanto a competência técnica.

JUVENTUDE

De acordo com David Fleischer, a tarefa mais difícil para os partidos será atrair os jovens, que têm revelado um grande cetismo com a política partidária. Na própria UnB, outrora palco de grandes manifestações, há dois anos que não se elege o Diretório Central de Estudantes (DCE), por falta de quorum.

A juventude, que constitui cerca de 70 por cento da população brasiliense, permanece "uma grande icôgnita" para Fernando Tolentino, que não ousa prever os rumos que esse importante contingente eleitoral tomará em 86. "Nos segmentos populares, não há grandes diferenças entre jovens e adultos, mesmo porque os jovens amadurecem mais cedo no ambiente do trabalho. Já nas faixas de elite, no Plano Piloto, predomina a alienação e o desinteresse pela política".

Carlos Alberto Torres, por sua vez, diz que a juventude brasiliense é bem informada, participativa, crítica, "atenta ao que se passa no mundo, em termos culturais, mas sem perder o contato com as raízes e os valores nacionais". "Será o voto mais consciente no pleito de 86, tanto no Plano Piloto como nas cidades-satélites".